

## GT 03 - Ruralidades e Meio Ambiente

### Desvelando o horizonte no espriar da trama: ruralidades metropolitanas entremeios a conservação da biodiversidade

Janise Bruno Dias <sup>1</sup>

#### Resumo

Numa reflexão sobre a penetração e perpetuação das ruralidades no espaço da RMBH considera-se a complexa trama de relações metropolitanas que dinamiza as redes de relações sociais, econômicas, ambientais e culturais as quais tem sido fomentada por práticas, saberes e modos de re-produção da vida rural. Modos de vida rural reproduzidos que se originam em pequenas comunidades rurais metropolitanas e penetram a dinâmica da metrópole formando e transformando as funções das ruralidades nesse espaço.

**Palavras-chaves: ruralidades, conservação da biodiversidade, RMBH**

#### Do refletir

Ao fazer uma reflexão sobre as ruralidades metropolitanas é preciso considerar uma trama de dinâmicas sociais, ambientais, econômicas e culturais as quais não se consegue restringir aos conceitos dicotômicos de rural e urbano. As ruralidades que permeiam a dinâmica metropolitana e que são incorporadas em seu cotidiano e muitas conformam, suportam e sustentam formatos de reprodução social, tem, cada vez mais, sublinhado sua importância na consolidação de políticas de segurança alimentar, na reprodução social de classes desfavorecidas, da qualidade de vida urbana e da sustentabilidade ambiental. Estas funções, já consolidadas no espaço rural, se reproduzem cada vez mais no espaço, dito, urbano por meio das expressões das ruralidades nesse espaço. Esse cenário salienta a importância de se pensar as ruralidades metropolitanas e as relações socioambientais, culturais e econômicas que as mesmas produzem. Em cada região metropolitana estas relações se produzem expressas em suas singularidades. Diversos são os espaços construídos e territórios constituídos, muitos relacionados a vocações de exploração de recursos, outros completamente descolados do que poderiam produzir.

O rural metropolitano da região metropolitana de Belo Horizonte, MG (RMBH) não se restringe ao espaço institucionalizado pelos planos diretores de municípios ou por princípios legislativos. Ele se dá nas idas e vindas de moradores dos municípios limítrofes a metrópole e do colar

---

<sup>1</sup> Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, PHD, professora adjunta IV do departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFMG \_ pesquisadora do NPGEOH e do LABIOClima/IGC.  
email: janisebdufmg@gmail.com

metropolitano. Trazendo sua força de trabalho, seus produtos, mas também suas histórias, suas crenças, os seus saberes e sua cultura. No simples varrer da calçada ou do quintal, no aguar as plantas do jardim ou do quintal de latinhas e pets, do alimentar a criação, do chazinho do fundo do quintal da receita da vovó, às verduras e legumes dos jardins coletivos e hortas institucionalizados, da produção agroecológica do rural metropolitano que conseguem chegar às feirinhas na capital. As ruralidades vão além das barreiras construídas pelos limites políticos-administrativo municipais e se reproduzem no cotidiano da cidade e contribuem para a sustentabilidade e qualidade de vida da população que hoje vive ali.

No entanto, na RMBH, as ruralidades e mesmo o rural metropolitano<sup>2</sup> sofrem de uma invisibilidade pelo poder público e em especial por políticas públicas específicas, mesmo cumprindo funções tão importantes. A invisibilidade camuflada pela falta de “vocaçã” das terras metropolitanas belorizontinas tornam cada vez mais distantes o desejo de jovens e crianças que nascem e crescem em locais, cautelosamente construídos pela natureza, de permanecerem nessas “oásis” metropolitanos ou nem mesmo poderem pra lá retornarem depois de se qualificarem.

O estigma de se renderem desde cedo, aos sedutores empregos com registro em carteira das grandes companhias mineradoras espalhadas pela região, tolhem desde cedo o sonho de meninos e meninas do rural metropolitano de conhecerem, re-conhecerem e conservarem seu mundo-da-vida. Aliadas a necessidade de buscar empregos não agrícolas, a política de desmantelamento da educação do campo, em especial nos municípios metropolitanos e colar, tem levado às crianças – os fazedores de fantasia – a deixarem em seus tenros 10 anos de idade suas comunidades e bairros rurais para estudar no núcleo urbano. A cultura do campo, os laços e a magia de construção do “lugar”, o entrelaçamento das relações e valores cultural da terra se deixam esvanecer na mente dos pequenos, bombardeados pela cultura de consumo da cidade.

A água limpa, o alimento fresco, a comida sem veneno, o frescor de uma noite estrelada e um dia amanhecido de orvalho se tornam ofuscados pelas luzes reluzentes da cidade, o carro do

---

<sup>2</sup> Em Wanderlei (2000) a autora já tratava a “questão das relações campo-cidade; emergência de uma nova ruralidade” e bem colocou que é necessário“(…) uma outra leitura das semelhanças e aproximações entre o meio rural e o meio urbano, nas sociedades moderna (p 128).”.. Também cita Jean (1997) para quem (...) “o fim das ‘sociedades rurais’ não significa o fim do rural”: assiste-se, nas sociedades modernas, a um processo de “recomposição do rural” e da emergência de uma “nova ruralidade”. Esta perspectiva contesta o desaparecimento das diferenças espaciais e sociais entre o rural e o urbano, e afirma a necessidade de uma nova abordagem que consiga “recompôr o objeto e repensar a realidade rural em seus modos contemporâneos de recomposição ou reestruturação (129)”. Para a autora (...) “Nas sociedades modernas, a categoria “rural” se enriquece na medida em que se torna o “suporte de um imaginário e de práticas de realocização”, presente, inclusive, nas cidades. Com efeito, o caráter plural dos espaços rurais gera, de uma certa forma, uma crescente “deslocalização”, cujas conseqüências se fazem sentir, especialmente, na concorrência que se estabelece entre espaços locais, que, assim, se tornam “atores de uma série de jogos sociopolíticos (p. 131)”

último modelo, os celulares e tablets de última geração, roupas de marca reluzentes, cabelos de gel e óculos Ray-ban. A competição com a “vida simples” é injusta.

### **Pensar a diversidade: ruralidades e metrópole, um caminhar**

No entanto, esse é o rural metropolitano da RMBH, desigual e injusto para aqueles que, para além da sedução da cultura do consumo, esforçam para permanecer ali e lutam por políticas públicas que os contemple, refletindo, nada mais que o rural brasileira. Mas sabemos que em outros países (França, Alemanha, Holanda, Bélgica, etc) as crianças e jovens e mesmo os mais velhos têm incentivos para permanecerem produzindo, re-produzindo, cumprindo as funções agrícolas nesses mesmos espaços metropolitanos. Simplesmente por que seus governos reconhecem estes espaços como espaços de reprodução social, cultural, ambiental e econômico daquelas populações que optam por ali permanecer. São olhados e cuidados como espaços de reprodução e vida. Mais que reprodução econômica, a reprodução da vida.

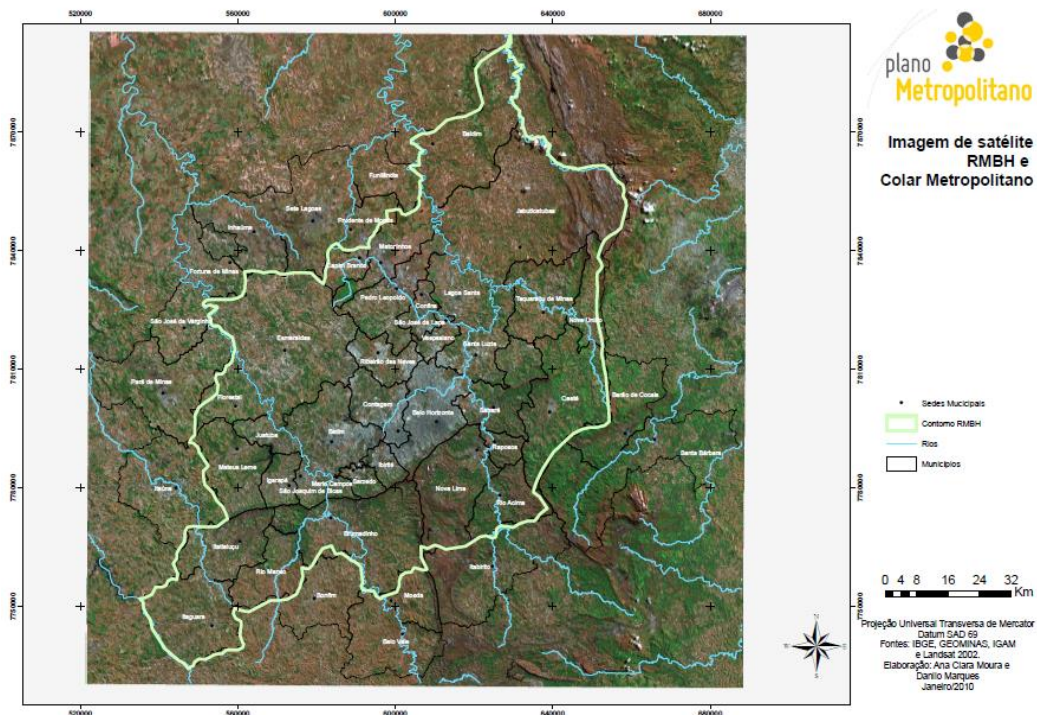
Conduzidas por esse pensamento, vimos estudando as con-formações e transformações das ruralidades metropolitanas. Desde 2006 (Dias, 2006) vimos investindo em um pensamento sobre as práticas, saberes e modos de vida que fomentam a conservação da biodiversidade. De lá pra cá o conceito de biodiversidade adotados têm considerado a diversidade de práticas e saberes que possam contribuir para a sua conservação e qualidade ambiental. Temos levado esse olhar tanto para o espaço rural, quanto o espaço da trama rururbana. Isso por que também a diversidade nas formas de produzir e re-produzir as ruralidades podem contribuir para conservação do ambiente físico, segurança e qualidade hídrica e do solo, controle de vulnerabilidade/risco e uso e ocupação adequados e equilibrados do espaço. Sendo a funcionalidade da segurança alimentar e qualidade ambiental também fomentada pelas mesmas.

Com o objetivo de desenvolver este pensamento, desde 2011 vimos observando um dos contextos metropolitano na RMBH<sup>3</sup> (Figura 1) que envolve a apropriação e produção do espaço contemplando as várias dimensões geográficas das quais ressaltamos a ambiental, econômica e política do espaço metropolitano. O foco dessa reflexão se dá na porção nordeste da região metropolitana, onde se localiza a província mineral conhecida mundialmente como quadrilátero ferrífero (QF)(figura 2). O simples mencionar desse nome já esclarece qual tem sido sua vocação desde que as minas de ouro e o ouro de aluvião se esgotaram nessas paragens.

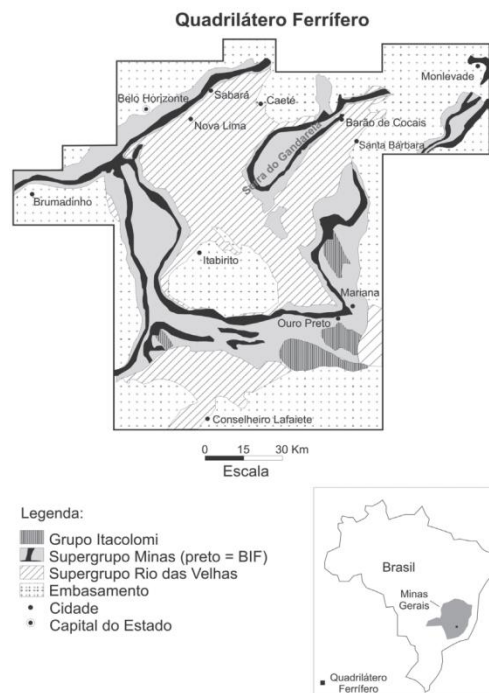
---

<sup>3</sup> A Região Metropolitana de Belo Horizonte – RMBH - é a 3ª maior aglomeração urbana do Brasil, com uma população de 5,413,627 habitantes (IBGE, Censo 2010) a 7ª da América Latina. É constituída por 34 municípios. O colar metropolitano somam 14 cidades, totalizando uma população de 7bilhoes de pessoas.

**Figura 1. Região Metropolitana de Belo Horizonte \_RMBH e colar metropolitano. A leste vislumbra-se por sob a imagem, o relevo do Quadrilátero Ferrífero.**



**Figura 2 : Quadrilátero Ferrífero e localização da Serra do Gandarela na RMBH. Fonte: Salgado e Silva (2010)**



No entanto, devido a gênese que produziu sua diversidade geológica e seus relevos moldados durante milhões de anos e juntos contam uma história dos climas pretéritos na região, conformando uma estrutura que se constituiem no berço de uma riqueza hídrica incalculável, essa mesma região, abriga ambientes que só existem aqui e por isso refletem uma diversidade biológica ímpar. Apesar disso e da voracidade das atividades minerárias, existe uma produção do espaço que não é voltada para a extração minerária e nem a siderúrgica. Escondem-se nos entremeios das serras e matas e campos rupestres pequenas comunidades rurais, muitas delas oriundas do nomadismo gerado pela histórica migração minerária. Estas comunidades têm construído suas vidas com base em uma produção de lógicas camponesas, de subsistência, familiar, diversificada, sem uso de muitos insumos e aliada a atividades de extrativismo vegetal e de produtos da fauna silvestres e doméstica. Como complemento da renda, as atividades não agrícolas são exercidas por alguns membros das famílias, em especial os homens, enquanto mulheres e crianças cuidam da terra (Capanema, Dias e Palhares, 2014). São pequenas propriedades e ainda desfavorecidas pela pobreza dos poucos solos, ali desenvolvidos, e do relevo muito movimentado. Pessoas que vivem e sobrevivem à invisibilidade a elas renegadas pelas políticas neoliberalistas regionais que incentivam a exploração minerária e lucro dos municípios metropolitanos pelos seus royalties, desigualmente distribuídos.

### **Uma diversidade singular: ruralidades da Serra do Gandarela, Quadrilátero Ferrífero, RMBH**

Nossas reflexões tem se voltado aos municípios de Santa Bárbara e Barão de Cocais, no colar metropolitano, cuja área política administrativa abriga várias dessas comunidades\_12 comunidades, sendo que oito delas se encontram aos pés de uma das abas do QF, conhecida como Serra do Gandarela (SG). Essa Serra reflete toda a exuberante paisagem resultante da rica geodiversidade e conseqüentemente da rica biodiversidade do QF. Apresentando as suas vertentes voltadas para o leste cobertas pelo terceiro maior fragmento da Mata Atlântica em Minas Gerais e suas cumeeiras adornadas pelos singulares e intrigantes campos rupestres ferruginosos é cobiçada pelas grandes companhias mineradoras por ser a única aba intacta e na atualidade a maior jazida de ferro disponível na região. Sua singular formação a torna um grande vertedouro de nascentes e córregos de águas limpas e puras que abastecem de um lado a bacia hidrográfica do rio das Velhas e do outro as bacias do Piracicaba e Doce. Pelo seu importante contexto ambiental e econômico, conseguiu-se, após nove anos de mobilização social pelo MOVSAM<sup>4</sup> que o governo federal decretasse, parte da área, como Parque Nacional

---

<sup>4</sup> Movimento social pelas Serras e águas de Minas em 2007 que se desmembrou em MPSG-Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela.

da serra do Gandarela. Um parque de 31,2840 hectares e que abrange oito municípios da RMBH e colar metropolitano<sup>5</sup>.

Nessa situação, as sete<sup>6</sup> comunidades viram sua vida, sua re-produção, seu lugar, confrontados a externalidades que se constituíam em interesses e territórios alheios a sua existência e sua lógica de vida (Rojas, 2014). Posto que Tuan (1983) evoca o lugar como segurança e desejo do lar e pensando como se deu a construção desse lugar de vida das comunidades e como recebeu essa nova realidade na constituição do seu espaço, nos interessamos por estudar essas comunidades.

Nossa pesquisa se orientou pela abordagem da biodiversidade como parte de uma construção cultural e social, não incluindo apenas espécies e seu retorno econômico, mas também técnicas de cultivo e modo de conservação que são utilizadas durante gerações e fazem parte da tradição de alguns povos/comunidades permite uma reflexão, para além da proposta clássica de conservação da biodiversidade. Nessa construção os conceitos de Etnoconservação e da sociobiodiversidade corroboram com a abordagem teórica que nesse estudo que procurou identificar as práticas/saberes agrícolas locais e entrever o favorecimento dessas à conservação da biodiversidade local (Dias e Pena, 2014).

Chegamos primeiro à serra do Gandarela, e encantados pela Serra começamos a ouvir as histórias sobre aquele momento que ela vivia. Para conhecê-la melhor percorremos suas estradas vermelhas do pó de minério de ferro, cortamos córregos, visitamos cachoeiras, descemos grotões de mato grosso, suas lagoas serranas e desvelamos seus povoados.

Nossa trajetória de pesquisa nos conduziu a investigar as sete comunidades<sup>7</sup> rurais para desvendar esse entrelaçamento tecido no espaço metropolitano, de territórios sobrepostos e ao mesmo tempo externos as lógicas e modo de vida dessas comunidades que, a nosso ver, vêm contribuindo para conservação ambiental da região da Serra do Gandarela e indiretamente para sustentabilidade ambiental da metrópole. Por meio da manutenção das práticas agrícolas e socioculturais reproduzidas por essas comunidades rurais, para sua subsistência, e de saberes construídos em sua relação com seu ambiente elaborando cuidadosamente o seu lugar, elas se tornaram ao longo dos anos, protagonistas e quem sabe guardiãs, de alguma maneira, para a sustentabilidade e manutenção dos ecossistemas locais, mantendo a resiliência dos sistemas. De

---

<sup>5</sup>Abrange parcialmente oito municípios: quatro na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Nova Lima, Caeté, Itabirito, Raposos e Rio Acima e tres no Colar Metropolitano: Santa Bárbara, Mariana e Ouro Preto

<sup>6</sup>Seis no município de Santa Bárbara (André do Mato Dentro, Conceição do Rio Acima, Cruz dos Peixotos, Paiol, Galego, e Vigário da Vara); e uma em Barão de Cocais (Socorro).

<sup>7</sup>O termo comunidades locais é utilizado pelos moradores locais para se referir ao lugar de pertencimento e o coletivo que foi organizado.

outra forma a Serra e seu entorno não estariam em tal estado de conservação reconhecido não só por estudos<sup>8</sup> mas pelo próprio Estado brasileiro por meio do decreto do PARNA em 2014<sup>9</sup>.

De acordo com o censo do IBGE, em 2010, a população residente nas sete comunidades contabilizou 742 habitantes. Elas se ocupam com atividades no cotidiano<sup>10</sup> exclusivamente voltadas a agricultura e extrativismo, potencializadas pela rica diversidade da flora local, com matas de candeia e a elevada disponibilidade hídrica. Essas atividades, além de garantir a subsistência e a renda das famílias, contribuem com a segurança alimentar da população metropolitana, a partir da venda do seu excedente. Adicionalmente, elas possibilitam a preservação do uso sustentado dos recursos e da biodiversidade; promovem a preservação da paisagem rural, e contribuem para a manutenção do tecido social e cultural local (Instituto Pró-Città, 2012 in Rojas et al., 2015).

A apicultura começou tradicionalmente praticada nos quintais de forma rudimentar, posteriormente, no início da década de 1980, passou a ser desenvolvida no formato moderno com a introdução de espécies exóticas (*Ápis mellífera*). Atualmente a comercialização do mel e seus derivados ocorre em cooperativas, pequenos comércios das cidades próximas e em empresas especializadas. A produção e comercialização de mel é uma das atividades agrícolas/extrativista mais significativas da região. Na atividade florestal destacam-se duas atividades: a plantação de eucalipto (*Eucalyptus*) para a produção de carvão vegetal para consumo próprio e para a venda; e o manejo de candeia nativa (*Eremanthuserythropappus*) comercializada por empresas para a fabricação de produtos farmacêuticos e cosméticos. Além dessas atividades, os moradores praticam o extrativismo vegetal em pequena escala de espécies conhecidas como: musgo (*selaginellaceae*), folhas de areca (*Dypsislutescens*), broto de samambaia (*Pteridiumaquilinum*) e plantas medicinais (*Melissa officinalis*, *Mentha*, *Dendroideum*, *Leonurussibiricus*, *Baccharistrimera*, *Achyroclinesatureoides*, *Eremanthuserythropappus*, *Salviaofficinalis*, *Foeniculumvulgare*, *Lychnophorapinaster*). Os produtos extraídos são vendidos localmente para preparação de pratos típicos, chás e remédios caseiros e/ou para a confecção de artesanatos e arranjos florais. As atividades agrícolas e

---

<sup>8</sup> IEF-SERES-AMDA: Estudo sobre Áreas Prioritárias para a Implantação de Áreas Protegidas e Corredores no Setor Sul da RMBH, 2008; IBRAM, 2003; Zoneamento Ecológico Econômico do Estado de Minas Gerais, 2003

<sup>9</sup> DOU. Diário Oficial da União. Decreto de 13 de Outubro de 2014 – Cria o Parque Nacional da Serra do Gandarela. Brasília, 2014.

<sup>10</sup>“O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar e o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. (De Certau, 1994, 31)

extrativistas ocorrem de forma simultânea à prática da agricultura familiar, responsável por garantir a subsistência das famílias. A produção diversificada e heterogênea envolve produtos de origem animal e vegetal cujos excedentes são comercializados em Programas Nacionais de Alimentação Escolar (PNAE), comércios e feiras locais e centros urbanos próximos (Rojas et al., 2015).

Com o passar do tempo, as comunidades da Serra do Gandarela (SG) teceram territorialidades sem negligenciar a relação com a natureza, da qual se reconhecem como parte, e estruturadora da vida material e social. Entretanto, compõem um rural metropolitano desconhecido e não reconhecido, “invisível”, porém fundamental à da dinâmica socioeconômica de reprodução desse espaço metropolitano. A aparente desordem desses elementos no espaço de vida, na lida, e na própria história dos moradores, tem, portanto, grande *valor de uso* para eles. “Os valores de uso refletem um misto de necessidades e reivindicações sociais, idiosincrasias, hábitos culturais, estilos de vida e similares [...]”. (Harvey, 1980, 137). A SG é portanto seu quintal, sua identidade, lugar de se perder e se encontrar, “um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres” (De Certeau, 1994, 31). A construção de uma rede de significados e sentidos a partir da história e da cultura produz uma identidade na qual as pessoas podem se reconhecer ou não (Rojas et al., 2015).

Dessa forma, o espaço rural construído pelas comunidades da Serra do Gandarela, sua diversidade de usos, de funções e interações rural-urbano tornam a cobiçada na a RMBH e no Colar Metropolitano. Estas “novas raridades” (Lefebvre, 1999) da natureza sobre as quais se encontram as SG confrontam todos os territórios ali sobrepostos. Sua disponibilidade hídrica a torna fundamental para o abastecimento público do entorno metropolitano que congrega quase seis milhões de habitantes (IBGE, 2014). A cobiça por seus de serviços ambientais para a região metropolitana, remanescentes de Mata Atlântica, belas paisagens “naturais”, “verdes” e “rurais”, reforçam a ausência de espaços “livres” e “verdes”, e ampliam a valorização da serra como um eixo de expansão imobiliária. Não se esquecendo a histórica presença de importantes jazidas minerais, outro fator de disputa territorial neoliberal (Rojas et al., 2015).

Além das pressões externas que sobrevêm sobre os moradores da SG, estes não poderiam estar isentos aos conflitos fundiários presentes no rural brasileiro. Nesse contexto, “ (...) as empresas de mineração têm um papel importante como interessados nas compras de terrenos no espaço Gandarela. Segundo a opinião dos moradores é melhor vender terrenos para as mineradoras, porque elas oferecem um melhor preço pelo hectare. Os negócios jurídicos do mercado imobiliário são realizados parcialmente através de contratos informais, conhecidos localmente como *contratos de gaveta* (Rocha, 2016)”. Num dos trabalhos realizados na região da serra por

Rocha (2016) no intuito de mapear os usos formais e informais nessa região, o autor registra que “Através da percepção dos potenciais de conflitos relacionados entre a situação fundiária das propriedades e os usos ilegais, nota-se que, quão maior é a influência das mineradoras sobre a superfície dos terrenos, maior é a presença da pastagem e de degradações nos terrenos com posse. Assim, de acordo com o correr do tempo, as degradações do solo, da paisagem e das águas vão aumentando e, conseqüentemente, fica mais fácil para as mineradoras adquirirem a concessão de lavra.” Os resultados da situação fundiária das propriedades apresentado pelo autor estão na tabela 1:

Situação Fundiária	Valores	Absolutos	(%)
Terrenos informais tradicionais (Posse)	42		36,52
Terrenos em processo de formalização (Usucapião)	9		7,82
Terrenos com título de propriedade (Prop. particular)	42		36,52
Terrenos com título de propriedade (Prop. de	22		19,13

Tabela 1: Situação legal dos terrenos avaliados. Fonte: (Xavier, 2013 in Rocha, 2014) e (Ayres, 2013 in Rocha, 2016)

### **Em meio a diversidade um encantamento com o lugar “André do Mato Dentro”**

Uma das comunidades tem chamado nossa atenção, a comunidade de André do Mato Dentro. “André” dizem que foi um morador local, não se sabe. Perdeu-se no nomadismo itinerante alimentado pela ambição das minerações. “Do Mato Dentro”, por ser a comunidade mais distante da sede municipal, entretanto com o privilégio de estar envolta por uma mata verde e desconcertante. Uma bucólica comunidade que nos chamou a atenção pela singularidade da paisagem, mas pela forte posição de resistência a realidade que se impunham vindas de fora de sua lógica. A comunidade encrustada na Serra, acolhida pela floresta verde, regada por nascentes do córrego Maria Casimira, salpicada de casinhas aqui e ali, resistia em voz e postura às ameaças que se impunham. O seu protagonismo diante do processo de implementação do PARNA e da eminente licença de implantação de uma grande mineração de ferro, acima das cabeceiras das águas que os abastecem, levou a Associação Comunitária Rural de André do Mato Dentro e Arredores (ACRAMDA), junto das demais seis comunidades, a propor uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS)<sup>11</sup> para compor uma mosaico de unidades de conservação com o PARNA e proteger as áreas de suas atividades e exploração de recursos do impacto da criação de uma unidade de proteção integral e assim como também da pretensão das atividades minerárias.

<sup>11</sup>Objetivo básico da RDS previsto no Art. 20, § 1o da lei No 9.985/2000, Lei do SNUC é “preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações”

**Figura 3. Imagens André do Mato Dentro. Autor: Carmo, 2015**



Com o propósito de compreender a construção das ruralidades ali, entremeadas por uma diversidade e sua conservação ambiental que se destacou entre as demais, fomos levados a pesquisar como se dava a re-produção desse rural metropolitano, como ele conseguia manter sua singularidade, a apenas 65 km

da metrópole (BH), sobre a pressão da lógica metropolitana que assombrava o seu lugar de vida, com dinâmicas externas e alheias a sua existência.

Nossa proposta para a pesquisa foi se construindo a medida que a comunidade se revelava pra nós. Impulsionados pelo ideal de construir um conhecimento de trocas de saberes escolhemos essa comunidade para verticalizar a nossa reflexão. A construção, dessa pesquisa nos revelou a resistência, a con-formação dessas ruralidades, sua relação com as dinâmicas locais ambientais e também as dinâmicas sociais e econômicas que a atingem na escala regional.

Para desvendar a paisagem e chegar até o lugar “André do Mato Dentro” dos moradores foi necessário criar um ambiente de diálogo entre um saber produzido a partir da experiência dos moradores locais e um saber produzido no âmbito formal da academia. Esse diálogo nos ajudou a compreender a realidade sócio-ambiental da área pesquisada, construindo um método de pesquisa que considerou que a compreensão do fenômeno a partir da perspectiva do outro, entendida como parceria, interação, intercâmbio de conhecimento e experiência entre pesquisador e pesquisado. Durante a realização da pesquisa na comunidade, produziu-se, simultaneamente a encontros e trocas com os moradores, uma coleção de mapas. Este material foi apresentado à comunidade durante uma das diversas reuniões realizadas com os pesquisadores, o que despertou o interesse pelos moradores de terem acesso aos resultados incluindo material gráfico. Essa demanda, portanto, foi a responsável pelo desenvolvimento da “devolução” dos resultados gerados pela pesquisa inicial sob a forma de um portfólio, que possa contribuir com projetos locais e subsidiar o planejamento e desenvolvimento rural local (Dias e Amorim, 2014 e 2015).

Nesse sentido, trabalhamos vários aspectos da comunidade. Quais suas práticas, seus costumes, sua rede de relações de pessoas e com seu ambiente (Dias e Pena, 2015 a, b). Trabalhamos o

simbólico em elementos naturais como a água, a floresta, os quintais, a Serra. Descobrimos a escola da comunidade e sua origem como patrimônio a partir das relações sociais e culturais, as festas religiosas como elemento de consolidação das redes femininas por meio da “cavilhada feminina” (Dias, Palhares et al., 2015). Essa mesma que sustenta as relações de trabalho, ajuda mútua, solidariedade e cumplicidade das mulheres. E o papel das mulheres locais que mais que agricultoras são guardiãs da segurança alimentar, da saúde familiar e por consequência da biodiversidade local (Dias, Palhares et al., 2014).

André se mostrou assim. Possuindo uma paisagem singular, a área em que se localiza a comunidade estudada é uma região de uma exuberante Floresta Estacional semi-decidual que cresce sobre uma diversidade geológica, de formas de relevo e solos, e abriga entorno de 34 famílias, e é reconhecida pela relevância ambiental e prioridade para conservação da biodiversidade. A região conhecida pelas atividades minerárias que remontam do século XVI, coexistem com atividades agrícolas de subsistência e o extrativismo vegetal.

Partindo do fato de que o homem tem uma relação primordial com a terra, base de nossa existência e é daí que partimos para descobrir o mundo (Dardel, 2011) e que tem sido assim desde sempre, autores como Diegues (1999, 2000), Miranda (2004), Gomez-Pompa & Kaus, A. (1990 citados em Diegues, 2000), Posey (1986), Balée (1988, 1989, 1993 citados em Diegues, 2000) defendem enfoques alternativos como a Etnoconservação ou a sociobiodiversidade. Miranda (2004) discute a conservação partindo do fato de que quando os colonizadores chegaram ao Brasil o continente já era ocupado por outros povos há pelo menos 8.000 anos. E esses já haviam modificado essas paisagens em benefício próprio.

Dessa maneira, no meio do verde da exuberante floresta estacional semidecidual, a sociobiodiversidade de André do Mato Dentro se revelou. A agricultura na comunidade é caracterizada pela produção de subsistência, em raras ocasiões quando há excedente de produção, os produtos são comercializados com famílias da comunidade ou de comunidades no entorno. A comunidade apresenta diferentes tipos de práticas, entretanto, as práticas observadas são compartilhadas pela maioria das famílias. As práticas demonstraram uma variação de acordo, sobretudo, com o uso e ocupação do solo. As práticas desenvolvidas pela comunidade estão relacionadas principalmente à agricultura, plantio de eucalipto, apicultura, piscicultura, criação de gado leiteiro. As práticas envolvidas na agricultura compreendem a adubação orgânica, a aplicação de água de cinza, plantio conforme fases da lua e a limpeza do terreno através do uso de foice e enxada. O adubo orgânico é produzido com o esterco do gado da própria família, ou de conhecidos, esse esterco é misturado com folhas e restos de frutos já muito maduros, já a mistura de água e cinza é utilizada como um defensivo capaz de controlar pragas. Deve-se ressaltar que devido à heterogeneidade das propriedades do solo algumas

famílias demandam de uma frequência menor ou maior desses tipos de práticas. Alguns produtos são cultivados segundo as fases da lua, um exemplo que permite ilustrar essa prática, é o plantio da mandioca, batata e banana, as duas primeiras são plantadas no período da lua minguante, pois nessa época o que “da no chão míngua”<sup>12</sup>, porém a banana tende a ser plantada na fase da lua crescente ou cheia, já que a lua exerce uma influência positiva no solo. A limpeza do terreno não acarreta na retirada de espécies nativas, é realizada somente a poda dessas espécies, nas plantações de eucalipto (As espécies de eucalipto identificadas são denominadas como grande, branco, clonado e *Urophylla*.) - atividade na região já desempenhada por grande parte das famílias. A poda é comum e feita pela demanda de corredores de ar para permitir ao eucalipto “respirar”. As entrevistas confirmaram a relevância deste que é um dos elementos de maior significância na composição da paisagem local. O eucalipto é um personagem fundamental na história da comunidade, isso se deve a sua importância em um momento de transição, em que os habitantes da comunidade foram obrigados a interromper por questões de caráter legal o desmatamento da mata nativa que inclui um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual. Diante desse novo contexto as famílias da comunidade iniciaram o plantio do eucalipto como uma nova fonte de renda, porém as siderúrgicas ainda permaneciam como o grande fator motivador que impulsionava a comercialização da madeira. Relevante parcela dos moradores locais empenhou-se em retirar o mínimo necessário para estabelecer ali sua agricultura e pasto. O tamanho da área do terreno não está sempre associado com uma variedade de produtos alta, apesar de não possuírem a maior área, apresentaram uma diversidade de produtos - Milho, inúmeras espécies frutíferas, por exemplo, abacate, laranja, morango, açaí, lichia, banana, limão, abacaxi, graviola, mexerica. Espécies aplicadas na produção de chás: Melissa (tratamento de insônia), Gravatá (curar bronquite) e Cana-de-Macaco (tratar de inflamações). Entretanto, o eucalipto além de comercializado como madeira de escoramento destinada à construção civil, também é manipulado para a produção de mel local, durante a florada as abelhas - espécie africanizada - são atraídas. A conservação de espécies nativas - Varão de São José, Assa Peixe, Folha miúda, Cachorro Magro, Alecrim do campo, e outras - também contribuiu para a apicultura praticada na região, e até mesmo a *brachiaria*, espécie exótica, participa do processo de produção do mel (Dias e Pena, 2015b).

Assim as diversas ruralidades metropolitanas se expressam no André, transformando e tecendo a sua paisagem, com sua heterogeneidade de funções de segurança alimentar, conservação da biodiversidade, saúde da família, relações sociais e culturais que se entremeiam consolidando texturas, trocas, afetos e sentidos do rural metropolitano. Esse rural que se pretende real e realizado, vivido nas experiências cotidianas de cada dia. Rural com marcas de campesinato,

---

<sup>12</sup>Fala de um morador local.

mas que se forma, reforma e transforma reivindicando o seu espaço, não apenas aquele institucionalizado pelos planos diretores municipais, mas aquele de sua trama que penetra feiras, mercados, quintais, sabores e saberes da metrópole. O mesmo que suaviza a vida dos metropolitanos que acordam todos os dias ansiando por um ar mais puro, uma comida mais saborosa e saudável, num querer melancólico da vida natural-rural.

### **Pensando o des-cobrir das ruralidades metropolitanas**

Um horizonte se desvela no espriar do Belo Horizonte. As pesquisas sobre ruralidades metropolitanas na RMBH são ainda muito incipientes e mescladas com aquelas das políticas de ordenamento urbano, como PDDI (2010) e Macrozoneamento (2014)<sup>13</sup>. Outras ruralidades precisam ser des-cobertas, re-conhecidas e valorizadas. Suas funções na organização do espaço e na consolidação da relação do homem com a terra, da sociedade e suas relações de vida precisam estar evidenciadas nas relações metropolitanas, para que as mesmas sejam visibilizadas e consideradas no planejamento. Para que sejam consideradas em sua diversidade e nas várias funções de recomposição do espaço metropolitano consolidando uma trama de sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural.

O Quadrilátero é apenas um “veio” dessa diversidade e funcionalidade das ruralidades da RMBH. Temos mais. E é preciso des-cobri-las e inseri-las nas tessituras e tramas do espaço metropolitano, conectá-las ao fluxo, gerando políticas que consolidam sua contribuição para a sustentabilidade metropolitana.

### **Referências bibliográficas**

Associação Comunitária Rural de André do Mato Dentro e Arredores - ACRAMDA. **Proposta de criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Alto Rio São João, 2011**, Santa Barbara, Minas Gerais. 16 p.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 13 de jul. 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 19 jul. 2000

CAPANEMA, Natali de O.; DIAS, Janise B.; PALHARES, Viriginia de L. Mulheres guardiãs da biodiversidade: as agricultoras de André do mato Dentro, Santa Bárbara MG. Trabalho apresentado no **XXII Encontro nacional de Geografia Agrária: Agentes, Processos, conflitos e conteúdos do espaço agrário brasileiro**. Natal, RN, Brasil. Novembro de 2014

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. S.A. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. 159 p.

DE CERTEAU, Michel (1994) **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes.

---

<sup>13</sup> Plano Diretor Metropolitano e Mazoneamento Metropolitano de Belo Horizonte, MG. Disponível em <http://www.rmbh.org.br/>

DIAS, J. B. **A dimensão dos sistemas naturais na (re) produção dos sistemas agrícolas da agricultura familiar: análise da paisagem de três comunidades rurais na região metropolitana de Curitiba (em São José dos Pinhais, Mandirituba e Tijucas do Sul).** Tese de doutorado apresentada no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná. 357p. março. 2006.  
<<http://hdl.handle.net/1884/6670>>

DIAS, J. B.; PENA L. L. S., As práticas/saberes agrícolas, contribuição à conservação da biodiversidade local? O caso de André do Mato Dentro, Santa Bárbara, MG. **Revista Geosaberes da Universidade Federal do Ceará**, v. 6, número especial (2), p.90 - 102, Novembro. 2015 Fortaleza, Ceará, 2015.20 p

DIAS, J. B.; CAPANEMA, N. O. ; HUENCKER, A. ; PALHARES, V. L. . A cavalhada feminina em André do Mato Dentro, Santa Bárbara, Minas Gerais, Brasil: a experiência do protagonismo feminino no campo. In: **XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, Cuba, 2015, 2015, Havana. Anais do XV Encuentro de Geógrafos de América Latina em Cuba 2015.** Havana: Editora de la Facultad de Geografía, Universidad de La Habana, Cuba, 2015.

DIAS, J. B.; AMORIM, V. . Um olhar geográfico sobre o lugar de vida de André do Mato Dentro, Santa Bárbara, Brasil: compartilhando saberes na experiência de construção metodológica de uma pesquisa-extensão. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, Cuba, 2015, 2015, Havana. **Anais do XV Encuentro de Geógrafos de América Latina em Cuba 2015.** Havana: Editora de la Facultad de Geografía, Universidad de La Habana, Cuba, 2015.

DIAS, J. B.; PENA, L. S. . Práticas, saberes e a conservação da biodiversidade em andré do mato dentro, subsídio a proposta do mosaico RDS e PARNA Serra Do Gandarela em Minas Gerais ? Por que e para quem?. In: VII Seminário Brasileiros sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social e II Encontro Latino Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social : Culturas e Biodiversidade: O presente que temos e o futuro que queremos, 2015, Florianópolis. **Anais do VII Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social ? SAPIS e II Encontro Latino Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social ? ELAPIS.** Florianópolis, 2015. v. 1. p. 251-260.

CAPANEMA, N. O. ; DIAS, J. B. ; PALHARES, V. L. . Mulheres rurais e sua contribuição para a conservação da biodiversidade. In: Congresso Brasileiro de Geografos, 2014, Vitoria. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geografos**, 2014. p. 1-14.

DIAS, J. B.; AMORIM, V. . Planejamento compartilhado da paisagem rural de André do Mato Dentro, Santa Bárbara, Brasil: subsídio ao desenvolvimento rural local.. In: **X Coloquio Ibérico de Estudios Rurales (CIER):?Territorios Rurales, Agriculturas Locales y Cadenas Alimentarias?**, 2014, Palencia. **Territórios rurais, Agriculturas locais e Cadeias alimentares x Colóquio Ibérico de Estudos Rurais** 16-17 Octubre/Octubro 2014 | Palencia. Palencia: Editorial Universitat Politècnica De València, 2014. v. 1. p. 125-128.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001.

DIEGUES, A. C. (org). et al. *Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil.* Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. **NUPAUB-USP.PROBIO-MMA.CNPQ.** São Paulo Fevereiro de 2000. Disponível em:  
<[http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/\\_arquivos/saberes.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/saberes.pdf)> Acesso em: 26 Out.2014

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** 2 ed.Nupaub-USP.HUCITEC. 2000.

DIEGUES, A. C. *O Mito moderno da Natureza Intocada*. Hucitec 4 ed. São Paulo, HUCITEC. Nupaub, 2002.

DOU. **Diário Oficial da União**. Decreto de 13 de Outubro de 2014 – Cria o Parque Nacional da Serra do Gandarela. Brasília, 2014.

HARVEY, D. *Justiça social e a cidade*. Tradução de Armando C. da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades, Censo 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/pt/censo-2010>. Acesso em: maio de 2014.

\_\_\_\_\_. 2014. Sala de imprensa. Disponível em:  
<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2704>  
Acesso em: março de 2015

INSTITUTO Pró-Città; Museu de historia natural e jardim Botânico da UFMG. **Avaliação do patrimônio biológico da Serra do Piaco e identificação de alternativas econômicas sustentáveis nas comunidades adjacentes**. Belo Horizonte, Relatório técnico de pesquisa, 2012

LEFEBVRE, H.i. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, 178 p.

MIRANDA, E. E. **O descobrimento da biodiversidade a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

MIRANDA, E. E. **O descobrimento da biodiversidade a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

ROCHA, G.R. S. VOGT J.; MIDDELMANN W.; DIAS J. B.; CARMO V. A. Usos formais e informais na região do Gandarela e as possíveis gestões do planejamento espacial. **Revista Geografias do programa de pós graduação em Geografia da UFMG. 2016** (no prelo)

ROJAS, C. M. ; PEREIRA, D. B.; DIAS, J. B. **Tensões e conflitos no espaço metropolitano de Belo Horizonte-MG/Brasil: Parque Nacional da Serra do Gandarela, como estão as comunidades metropolitanas após o decreto?** IV COLLOQUE BIODIVERCITIES 2015, UPA –Marseille, França 10p. (no prelo)

ROJAS, C. M. **Os conflitos ambientais na Serra do Gandarela na perspectiva das comunidades locais**. 2014. 200 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014

SILVA, J.R.; SALGADO, A.A. R. Mapeamento das unidades de relevo da região da Serra do Gandarela - Quadrilátero Ferrífero-/MG **Revista Geografias**, Programa de Pós graduação em Geografia da UFMG, Belo Horizonte 107(2) 107-125 julho-dezembro de 2009

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, mar. 2000. (Mimeografado)